

# Diversidade sexual na escola: uma análise das representações sociais de educadores/as

Sexual diversity in school: an analysis of social representations of educators

**Elaine de Jesus Souza**

elaine.js.sd@hotmail.com

Universidade Federal de Sergipe - UFS

**Joilson Pereira da Silva**

joilsonp@hotmail.com

Universidade Federal de Sergipe - UFS

**Claudiene Santos**

claudienesan@gmail.com

Universidade Federal de Sergipe - UFS

Submetido em 12/02/2014

## Resumo

As representações que educadores/as possuem acerca da diversidade sexual influenciam a (des)construção de atitudes preconceituosas e discriminatórias que são manifestadas na instituição escolar e acabam ocasionando diversos outros tipos de violências homofóbicas em toda a sociedade. Ademais, o silenciamento e/ou a negação das múltiplas identidades sexuais e de gênero que permeiam a escola contribuem para o enaltecimento dos preconceitos sutis ou manifestos. Assim, esse estudo teve como principal objetivo analisar as representações sociais de educadores/as da educação básica acerca da diversidade sexual. Por conseguinte, nesta pesquisa qualitativa foi empregado o método de análise de conteúdo categorial temática e o instrumento constituiu-se de entrevistas e questionários semiestruturados realizados com sete docentes do ensino fundamental. Os resultados obtidos evidenciaram que as representações dos/as educadores/as estão ancoradas em crenças, normas e estereótipos impostos socialmente acerca da diversidade sexual, que devido ao desconhecimento e outras questões como a influência religiosa, impedem a busca de (in)formação, gerando os preconceitos sutis ou manifestos, o que contribui com a manutenção das práticas homofóbicas no ambiente escolar. Portanto, ao desvelar as concepções e vivências de educadores/as acerca da diversidade sexual, alerta-se para a necessidade de cursos de formação inicial e continuada que forneçam constantemente (in)formações precisas e atualizadas acerca de tais temas. Para que os/as docentes possam questionar os padrões heteronormativos, compreender, (re)conhecer e possibilitar a expressão das diversas identidades sexuais, desconstruindo preconceitos e acolhendo efetivamente essa diversidade de indivíduos que integra a escola.

**Palavras-chave:** Diversidade Sexual. Representações. Preconceitos.

## Abstract

The representations that educators have about sexual diversity influence the construction or deconstruction of prejudice and discriminatory attitudes that are manifested in the school and end up causing many other types of homophobic violence throughout society. Moreover, silencing or denial of multiple sexual and gender identities that permeate the school contribute to the enhancement of subtle prejudice or manifest. Therefore, this study aimed to analyze the social representations of teachers of basic education about sexual diversity. Hence, this qualitative research method was used to analyze of content thematic categorical and the instrument consisted of semi-structured interviews and questionnaires conducted with seven elementary school teachers. The results showed that the representations of educators are anchored in beliefs, social norms and stereotypes imposed on sexual diversity, due to ignorance and other issues such as religious influence precludes the use of information and training, creating subtle prejudice or manifest, which contributes to the maintenance of homophobic practices in the school environment. Therefore, to reveal the conceptions and experiences of educators about sexual diversity, alert to the need for courses of initial and continuing training that consistently provide accurate and updated information about such topics. For teachers may question the heteronormative standards, understand, recognize and enable the expression of diverse sexual identities , deconstructing prejudices and effectively embracing this diversity of individuals that integrates the school .

**Keywords:** Sexual Diversity. Representations. Prejudices.

## 1. Introdução

Analisar as representações dos educadores/as<sup>1</sup> acerca da diversidade sexual na escola constitui uma tarefa difícil; porém, extremamente relevante, visto que pode ser um instrumento eficaz para a desconstrução de preconceitos e discriminações, explícitos ou implícitos, perpetrados contra sujeitos por diferirem do padrão social heteronormativo. Os/as jovens que assumem uma identidade não heterossexual são vítimas constantes de piadinhas, insultos, humilhações, agressões verbais e/ou físicas, exclusões – enfim, das mais diversas práticas homofóbicas. Todavia, em geral, os atos de violência física que, por vezes ocasionam até a morte de sujeitos dessas minorias sociais, começam com os preconceitos “sutis”, os quais passam despercebidos ou são negligenciados e corroborados por educadores/as e outros membros da escola.

Dessa forma, para possibilitar o reconhecimento e a aceitação da diversidade sexual na instituição escolar (e na sociedade em geral) é imprescindível elencar e analisar as representações sociais dos sujeitos envolvidos, sobretudo dos/as educadores/as. É a partir de tais representações que são (des)construídos preconceitos, discriminações, estereótipos e outras práticas homofóbicas perpetradas contra os indivíduos que fogem às normas sexuais e de gênero.

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações sociais<sup>2</sup> de educadores/as da educação básica (ensino fundamental maior) acerca da diversidade sexual. Para isso, a pesquisa buscou responder as seguintes questões norteadoras: (a) Quais os principais conteúdos das representações sociais de educadores/as acerca da diversidade sexual? (b) Como os conhecimentos e vivências dos/as educadores/as acerca da diversidade sexual ancoram<sup>3</sup> a homofobia?

## 1. Referencial teórico

### 1.1. Diversidade Sexual na Escola: reconhecimento versus omissão

A diversidade de indivíduos que a escola abriga contribui para o aprendizado, pois as experiências e vivências dos “outros” podem possibilitar o crescimento e o amadurecimento pessoal e intelectual dos/as jovens. A diversidade sexual que permeia o ambiente escolar constitui-se um instrumento enriquecedor quando utilizada para destacar as múltiplas dimensões e vivências das sexualidades: identidades sexuais, ou seja, as formas como os sujeitos vivem suas sexualidades com outros indivíduos, podendo ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, entre outros, e identidades de gêneros: que representam o modo como os indivíduos constroem histórica e socialmente suas masculinidades ou feminilidades (LOURO, 1997).

Nesse sentido, Junqueira (2009) afirma que a diversidade pode se revelar pedagógica, visto que ela ensina e é propiciadora de novas possibilidades de encontros, formas de (re)conhecimento e sensibilidades, além de criar oportunidades para o indivíduo desconstruir mitos acerca de si mesmo, dos outros e do mundo. Então, quando compreendida no âmbito de um processo dialógico, a diversidade permite aos indivíduos avançar criticamente, principalmente em relação a si mesmos, pois ao mesmo tempo em que tensiona, instiga e inquieta, propicia a construção de valores, significados, representações (e autorrepresentações), limites e múltiplas possibilidades de vivências.

Assim, há nas escolas indivíduos com múltiplas vivências das sexualidades e diferentes experiências de construções acerca das representações de masculinidades e feminilidades.

Porém, é importante compreender que, independentemente dos estereótipos socioculturais dos sexos, os indivíduos – sejam lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transexuais/LGBT – tem o direito de serem respeitados/as, reconhecidos/as e, principalmente, usufruírem plenamente dos direitos humanos e sexuais expressos na Constituição Brasileira. Então, cabe a toda a sociedade, aqui destacando-se os membros da instância escolar (como os/as educadores/as) garantir que as sexualidades de todos/as sejam vivenciadas de forma digna, sem preconceitos e discriminações por cor, raça, etnia, classe social, idade e orientação afetivo-sexual (KAMEL; PIMENTA, 2008).

As identidades sexuais e de gênero estão em processo contínuo de construção e transformação a partir de relações sociais atravessadas por diferentes discursos, símbolos e representações produzidos no decorrer de processos históricos, socioculturais e políticos. Logo, essas construções são sempre transitórias, visto que se transformam não somente ao longo do tempo, historicamente, mas também por meio da articulação com outras identidades: étnicas, raciais, econômicas e de classe sociais (LOURO, 1997).

Ademais, cabe ressaltar que a maioria dos/as educadores/as não obteve conhecimentos acerca das temáticas da sexualidade durante sua formação inicial e continuada. Por conseguinte, promover a inclusão da diversidade sexual na escola se torna uma tarefa bastante complicada uma vez que os/as docentes não foram preparados/as para tanto, o que acaba levando à omissão e ao não reconhecimento dessas múltiplas identidades sexuais e de gênero. Essa invisibilização da diversidade sexual no ambiente escolar ocasiona diversos tipos de homofobia, responsáveis pelo abandono dos estudos e pelo sofrimento de jovens que destoam do modelo heteronormativo. Ressalta-se, assim, que a busca de conhecimentos para questionar e problematizar esse modelo

heterossexista pode ser um caminho para desconstruir a homofobia (LOURO, 1997; BORRILLO, 2009; LIONÇO; DINIZ, 2009; RIOS, 2009).

De acordo com Seffner (2009), para possibilitar a inclusão de estudantes LGBT é fundamental que a estrutura escolar passe por uma modificação, sobretudo com relação aos seus membros e regras estabelecidas. O primeiro passo pode ser a abolição das piadinhas e das manifestações sexistas e práticas homofóbicas “sutis” ou manifestas (tão comuns entre professores/as) acerca dos/as alunos/as “diferentes” dos padrões heterossexuais, visto que é impossível educar num ambiente onde nem ao menos o respeito pela diversidade prevalece. Tal ambiente de agressão verbal e/ou física tem sido motivador da evasão escolar de jovens que não se enquadram no modelo heteronormativo.

Para Rios (2009), a criação de cursos de formação docente e a adoção de parâmetros curriculares que atentem para as diversas expressões da sexualidade no espaço escolar podem promover mudanças institucionais significativas. Pois, a criação, o desenvolvimento e a manutenção de diretrizes que reconheçam a diversidade sexual nas instituições sociais, inclusive na escola, possibilitam, indubitavelmente, a superação de preconceitos e discriminações historicamente consolidados e que são reforçados por organizações tradicionais associadas ao controle e à repressão de minorias.

Para a efetiva inclusão da diversidade sexual os/as educadores/as precisam ser sensibilizados/as de que as consequências serão positivas tanto para o aprendizado e bem-estar de seus/suas educandos/as quanto para eles/as mesmos/as. Contudo, para que estes/as desconstruam a ideia de que a inclusão é fonte de problemas intermináveis, são necessários estudos, debates e reflexões sobre o atual momento educacional e político brasileiro, para que possam perceber e compreender a riqueza das diversidades na sala de aula, especialmente

da diversidade sexual. Pois, ainda que a maioria concorde com a relevância da inclusão e do aprendizado entre os “diferentes”, alcançar essa finalidade na prática exige de todos/as os envolvidos/as no processo educacional, sobretudo dos/as educadores/as, enorme esforço e disposição para desenvolver e manter um trabalho que possibilite a superação de preconceitos, o reconhecimento e acolhimento das diversidades (SEFFNER, 2009).

Nesse contexto, é imprescindível que a escola promova estratégias pedagógicas que possibilitem a real inclusão e reconhecimento da diversidade sexual e, assim, exerça seu papel democrático e pluralista.

## **1.2. Representações Sociais e Diversidade Sexual: desconstrução de preconceitos**

Conforme evidenciado, a manutenção de crenças, opiniões, preconceitos e práticas que compõem as representações sociais de muitos sujeitos da instituição escolar, principalmente dos/as educadores/as, contribui para reforçar as violências homofóbicas perpetradas contra indivíduos que não se enquadram no padrão heteronormativo. O estudo das representações sociais de educadores/as acerca da diversidade sexual, aliado a outras ações interventivas, pode colaborar com a desconstrução das práticas preconceituosas e discriminatórias que são manifestadas nas diversas instâncias sociais, inclusive na instituição escolar.

Cabe salientar que a diversidade proporciona a construção de valores, significados, representações (e autorrepresentações) e múltiplas possibilidades de vivências. E estas novas possibilidades de ver e perceber indivíduos e grupos pode possibilitar a desmistificação de representações que resultam na criação dos estereótipos e preconceitos em torno da diversidade sexual e, dessa forma, contribui para



a desconstrução desse sistema de crenças e mecanismos de percepção que são utilizados para produzir e legitimar relações de poder assimétricas (JUNQUEIRA, 2009).

A diversidade constitui contornos salientes e intrigantes da alteridade, que com toda sinuosidade pode tanto afastar quanto aproximar. Nesse viés, a representação engloba a função de suavizar o conteúdo perturbador que permeia a diversidade ao passo que possibilita reconstruções e até a incorporação das diferenças (ARRUDA, 2002), já que cada indivíduo abriga diversidades sexuais, socioculturais, políticas, entre outras.

Destaca-se que as representações sociais – sistemas de interpretação que orientam e organizam as comunicações e comportamentos (JODELET, 1993) – podem ser utilizadas para expressar alteridade, lutando pela compreensão, interpretação e construção de um mundo que acolhe a diversidade de sujeitos que ocupam o espaço público: um domínio de vida comum. Para tal, salienta-se a relevância de recuperar o pensamento, a palavra e a construção de saberes sociais, como formas de sustentar a democracia e a cidadania (JOVCHELOVITCH, 2008). Para Moscovici (2010), a mudança de nossas representações sociais pode promover a superação de nossos preconceitos.

Cabe explicar que: “[...] preconceitos são, portanto, atitudes, e como tais se constituem em julgamentos antecipados que têm componentes cognitivos (as crenças e os estereótipos), afetivos (antipatias e aversões) e disposicionais ou volitivos (tendências para a discriminação)” (LIMA, 2011, p.459). Assim, percebe-se que os preconceitos criados em torno da diversidade sexual que caracterizam a homofobia provêm, na maioria dos casos, do desconhecimento que ocasiona representações precipitadas e arbitrarias. Logo, percebe-se que a ausência da experiência e da reflexão, que constituem as bases do indivíduo, pode caracterizar ou promover o preconceito (CHOCHÍK, 2006).

A homofobia envolve diferentes formas de preconceitos (sutis ou manifestos) e discriminação, expressos em diversos âmbitos sociais, que anulam e prejudicam o reconhecimento e o exercício pleno da cidadania daqueles/as que representam as diversidades sexuais não hegemônicas. A gravidade da homofobia não consiste apenas nas práticas de violência física, mas também nas manifestações da violência psicológica entre outras manifestações, que violam direitos humanos básicos e essenciais de um indivíduo julgado inferior por sua identidade sexual e/ou de gênero ser contrária às normas sociais impostas de forma arbitrária (BORRILO, 2009; RIOS, 2009).

Nesse sentido, não se pode determinar um conceito unitário de preconceito, pois este admite várias nuances que se referem a uma conduta rígida frente a diversos objetos e aspectos variáveis de acordo com as representações do preconceituoso (CHOCHÍK, 2006). Em geral, tais representações são fundamentadas em normas, padrões ou convenções sociais que dificultam a reflexão e a busca de conhecimentos acerca de determinado objeto, nesse caso a diversidade sexual.

As representações expressam tanto convenções socioculturais quanto a pluralidade, diversidade e contradições, portanto podem ser convencionais e prescritivas quando delimitam normas. Contudo, também possuem um caráter construtivo, criativo, autônomo, quando admitem uma parte de reconstrução, de expressão do sujeito e interpretação do objeto (JODELET, 1993; MOSCOVICI, 2010; SPINK, 1993). Dessa forma, as representações sociais podem ser utilizadas para transformar palavras, categorias, assuntos (como a diversidade sexual) em algo familiar e significativo. Para tanto, aponta-se a necessidade de colocar em prática os mecanismos de ancoragem e objetivação, que transformam o não familiar em familiar, primeiro nomeando e atribuindo significados, depois, reproduzindo de forma concreta algo que era abstrato (MOSCOVICI, 2010).

A ancoragem, como o próprio nome sugere, busca ancorar ou relacionar ideias estranhas a imagens e categorias comuns, isto é, inseri-las em um contexto familiar. Então, através do processo de ancoragem, as coisas são nomeadas e classificadas, deixando de ser estranhas e tornando-se reconhecidas com significados atribuídos. O mecanismo de objetivação permite transformar esse conhecimento ainda abstrato em algo concreto, substituindo a ideia de não familiaridade pela de realidade, ao passo que torna o objeto acessível e compreensível. Ou seja, a objetivação possibilita transferir o que está na mente e é considerado um universo puramente intelectual e remoto em algo reproduzido através de imagens ou coisas aparentes “diante dos olhos”, que se pode ver e tocar, materializando-se no mundo físico (MOSCOVICI, 2010).

Para Jodelet (1993), a ancoragem permite que a representação seja criada, pois constrói uma rede de significados que dão coerência e aproximação com valores sociais. Já a objetivação permite a “naturalização” de noções produzindo realidades concretas diretamente legíveis e utilizáveis na ação sobre o mundo e os outros, pois a estrutura imagética da representação torna-se uma referência para a compreensão da realidade. Com efeito, é salientado que:

Esses processos geradores e funcionais, socialmente marcados, nos permitem a abordagem das representações em diferentes níveis de complexidade. Desde a palavra até a teoria que serve de versão do real; desde os conceitos, categorias, até as operações de pensamento que os ligam e à lógica natural característica de um pensamento orientado para a comunicação e a ação. Eles permitem, igualmente, considerar o caráter simultâneo de concreto e

abstrato das representações e de seus elementos, os quais têm um estatuto misto de percepto e conceito. Estatuto igualmente ligado ao fato de que o pensamento social remete aos eventos concretos da prática social e deve, para ser comunicado, permanecer vivo na sociedade, ser um pensamento em imagem [...] (JODELET, 1993, p.59).

Vale destacar que as representações sociais se manifestam em palavras, discursos, sentimentos e condutas que se institucionalizam e precisam ser analisadas criticamente a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. Visto que as representações são construídas por meio da linguagem e da comunicação, expressam contradições que permeiam as situações reais da vida e marcam o entendimento dos grupos ou sujeitos acerca de seus pares, seus contrários, e das instituições. Dessa forma, as representações sociais possuem núcleos positivos de transformação e de resistência no modo de compreender a realidade (MINAYO, 2008).

É necessário analisar a partir dos mecanismos de ancoragem e objetivação como os discursos de grupos sociais são institucionalizados e contribuem para manutenção ou desconstrução de crenças preestabelecidas (em torno da diversidade sexual, no caso dessa pesquisa). A ancoragem possibilita a inserção de algo desconhecido em representações preexistentes, o que é feito a partir da realidade social vivida e dos discursos engendrados ao longo do tempo e próprios de cada cultura. A cristalização de uma representação remete ao processo de objetivação que implica três etapas: a descontextualização da informação por meio de critérios normativos e socioculturais; a formação de um núcleo figurativo, ou seja, de uma estrutura que reproduz de modo simbólico uma estrutura conceitual; e, por fim, a naturalização,

que corresponde à transformação destas estruturas figurativas em elementos da realidade (MOSCOVICI, 2010; SPINK, 1993).

É nesse ponto que reside a utilidade das representações sociais para possibilitar o reconhecimento da diversidade sexual, pois mais do que um conceito abrangente, o seu caráter dinâmico admite explicações em torno das diferentes identidades sexuais e de gênero, o que leva à ancoragem dessa categoria a ideias preexistentes, além de envolver a criação de modelo simbólico que transforma essa categoria não familiar em algo mais concreto e comum. Faz-se necessária, então, uma descontextualização dessas informações e normas sociais preexistentes que, em geral, possuem caráter prescritivo e dificultam a objetivação plena da diversidade sexual. É preciso atentar para o fato de que mesmo ocorrendo a ancoragem, concepções e crenças preestabelecidas podem não ser afetadas substancialmente, impedindo que o processo de objetivação seja alcançado por completo.

Dessa perspectiva, a análise das representações sociais permite o conhecimento das crenças e opiniões que norteiam diferentes práticas sociais, que a partir de então podem ser reconstruídas visando à inclusão da diversidade sexual e à desconstrução de atitudes preconceituosas e discriminatórias que culminam nas práticas homofóbicas.

## **2. Método**

O estudo em questão é uma pesquisa qualitativa.

### **2.1. Amostra**

A pesquisa foi realizada em uma escola pública do município sergipano

Simão Dias. A escolha desse locus deve-se à escassez de estudos acerca dessa temática no interior de Sergipe. Foi realizada uma amostragem não probabilística por conveniência, com amostra de sete (7) professores/as do ensino fundamental maior, das disciplinas de Português, Matemática, Ciências, Geografia, História, Inglês e Educação Física. Os nomes dos/as docentes adotados nessa pesquisa são fictícios.

## **2.2. Instrumento**

Neste estudo, foi utilizada a entrevista semiestruturada para coleta das informações, norteada por um questionário com perguntas abertas e fechadas elaboradas com base na bibliografia estudada (DINIS, 2012; MADUREIRA, 2007; SILVA JÚNIOR, 2010; TOSSO, 2012). Na entrevista, foram inseridas imagens gráficas referentes às identidades sexuais e de gênero não heterossexuais (casal de gays, casal de lésbicas, travesti e transexual), visando-se apreender de modo acurado as representações dos/as docentes acerca da diversidade sexual. O uso de imagens reais pode possibilitar uma apreensão mais clara e manifesta das crenças e concepções preestabelecidas visto que (usando a própria teoria das representações sociais) torna o objeto mais concreto, permitindo a revelação dos reais pensamentos e julgamentos em torno das identidades sexuais e de gênero ilustradas (SILVA JÚNIOR, 2010).

## **2.3. Procedimento**

Inicialmente, o projeto foi enviado ao Comitê de Ética e, posteriormente, foi solicitada a autorização das escolas para os/as educadores/as participarem da pesquisa. Cada participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em seguida foi aplicado o questionário

com questões abertas e fechadas sobre diversidade sexual nas escolas e referentes aos dados sociodemográficos (idade, sexo, religião, graduação, tempo de atuação docente) dos/as participantes, em seguida realizou-se a entrevista semiestruturada. Cabe informar que neste trabalho, somente a variável religião foi destacada na análise dos dados.

## **2.4. Análise dos Dados**

Os dados obtidos foram organizados por meio da análise de conteúdo que se constitui em um conjunto de técnicas que utiliza procedimentos sistemáticos para descrever os conteúdos de um dado texto e realizar inferências que permitam uma interpretação da realidade fundamentada nos objetivos e na teoria que embasam a pesquisa (BARDIN, 2011).

Para a análise de conteúdo dos dados, foi empregada a modalidade categorial temática, que consiste em desmembrar o texto em unidades de sentido, ou seja, são determinadas as principais opiniões, crenças e tendências encontradas nas respostas das entrevistas abertas, com o posterior agrupamento dessas unidades em categorias de análise (BARDIN, 2011).

## **3. Resultados e discussão**

Acerca da diversidade sexual foram notadas divergências e contradições entre as representações dos/as educadores/as. Ainda que a maioria tenha demonstrado desconhecimento, confusão e uso de termos inadequados tais como “opção sexual” ou “condição” (devido à carência da temática em sua formação docente inicial e/ou continuada), uma parte dos/as participantes revelou uma visão mais abrangente, demonstrando representações positivas. Entretanto, os/as mesmos/as

participantes que enfatizaram diversas vezes a questão da importância do respeito à diversidade também deixaram latentes representações incoerentes e/ou negativas em torno da diversidade sexual.

Para agrupar-se de forma mais coerente as principais representações dos/as docentes acerca da diversidade sexual, delimitou-se a seguinte categoria a partir das unidades temáticas apreendidas com a análise dos questionários e entrevistas.

#### 4. Representações da diversidade sexual: preconceitos sutis ou manifestos

Aqui foram englobadas representações incoerentes, reducionistas e ambíguas, que se mostram positivas, mas camuflam concepções, crenças e práticas negativas acerca da diversidade sexual. O que serve para apontar que as representações sociais são, de fato, fluídas e carregadas de contradições. Os/as docentes expressaram, de modo sutil ou manifesto, pré-conceitos, estranhamentos e estereótipos acerca de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais/LGBT ou com identidades de gênero que destoam do padrão heteronormativo.

Quando questionados/as sobre o que entendiam por diversidade sexual, foram evidenciadas representações reducionistas, pautadas na ideia de que a diversidade sexual constitui uma “escolha ou opção”, percebidas nos trechos abaixo:

*Liberdade de expressar o desejo e **opção sexual**. (Prof. Antônio)*

*Diferença sexual, oposição, multiplicidade ou até mesmo contradição entre pessoas, seres. (Prof.<sup>a</sup> Camila)*

*Várias pessoas com condições de vida diferentes. (Prof. Lúcio)*



Da mesma forma, nas entrevistas, quando indagados/as sobre as concepções, vivências e práticas acerca da diversidade sexual, os/as professores/as também expressaram representações da diversidade sexual como “escolha” ou “opção sexual”. O que remete ao preconceito sutil, ou seja, uma das faces dos julgamentos antecipados advindos das normas, características e papéis impostos socialmente aos indivíduos, mas de forma latente e camuflada (BORRILLO, 2009; CHOCHÍK, 2006; LIMA, 2011; RIOS, 2009; SILVA JÚNIOR, 2010). Isso é ilustrado nos seguintes discursos:

Desde quando o outro **escolhe ser o que naturalmente não era pra ser**. A gente tem que haver o respeito. Porque tem o livre-arbítrio todo mundo é livre pra suas escolhas. [...] (Prof.<sup>a</sup> Roberta)

Porque como tem essa diversidade sexual, então as pessoas têm escolhas, né de diversas maneiras, então se a pessoa quis... é **escolheu ser homossexual, escolheu ser travesti, escolheu** [...] (Prof.<sup>a</sup> Talita)

**Uma opção de vida**, como... eu escolho, eu escolho ser professor, eu escolho ser hétero e... Eu acho, no meu ponto de vista ele escolhe ter relação homossexual, né, com, com uma pessoa do mesmo sexo. (Prof. Samuel)

É cada vez mais visível no mundo atual que em se tratando da atração ou desejo afetivo-sexual não existe uma única forma, mas múltiplas vivências e expressões da sexualidade. Ou seja, existem diversas identidades sexuais (que englobam diferentes orientações do desejo

afetivo-sexual), dentre estas a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade bem como existem as identidades de gênero, dentre as quais se incluem os/as transgêneros. E é essa pluralidade de identidades, sentimentos e relacionamentos que compõe a diversidade sexual (CAVALEIRO, 2009; FIGUEIRÓ, 2007; KAMEL; PIMENTA, 2008).

Além disso, ressalta-se a necessidade que os/as docentes reflitam sobre o termo “opção sexual” frequentemente utilizado por eles/as, o qual difere da noção que se tem de orientação afetivo-sexual, pois o desejo afetivo-sexual não é uma opção consciente, mas uma questão de sentimentos complexos e desejos inconscientes. Assim, as identidades sexuais e de gênero não são dadas ou acabadas num determinado momento, mas instáveis e dinâmicas, pois são resultantes de um profundo processo de (re)construção que envolve diversos fatores históricos, socioculturais, emocionais e identitários, entre outros (FIGUEIRÓ, 2007; HENRIQUES et al., 2007; LOURO, 1997). Desse modo, é necessário desconstruir essa ideia de “opção sexual”, que fortalece uma forma de preconceito sutil, disseminado na sociedade em detrimento do preconceito manifesto (SILVA JÚNIOR, 2010).

O preconceito manifesto, que se refere às formas abertas e ativas manifestadas de modo evidente através de atitudes negativas que envolvem rejeição a determinados indivíduos ou grupos sociais (nesse caso, com relação à diversidade sexual), constitui umas das primeiras formas de expressão do preconceito. Entretanto, evidencia-se que está sendo substituído pelo preconceito sutil, uma nova forma de expressão caracterizada por um discurso camuflado ou velado que encobre os reais sentimentos e crenças acerca de determinado indivíduo ou grupo social, não obstante essa sutileza e tolerância acabem por perpetuar as desigualdades sociais (FLEURY; TORRES, 2010; LIMA; VALA, 2004; SILVA JÚNIOR, 2010).

Nesse ponto, salienta-se que uma das faces do preconceito é resultante do processo de socialização que impõe normas e regras acerca dos papéis e características de cada indivíduo, com tais normatizações ancoradas nas ideias preexistentes e compondo as representações sociais, expressas de modo manifesto ou sutil. De modo mais evidente, através da rejeição e discriminação direta; de modo sutil, e até com certa complacência – o que impede a manifestação explícita da estranheza frente às diferenças. Assim, infere-se o desenvolvimento de uma forma de preconceito sutil, que se expressa de modo camuflado, que, apesar de não acolher ou aceitar determinadas diferenças, é predominante em um discurso politicamente correto baseado na ideia do respeito e do livre-arbítrio (CHOCHÍK, 2006; SILVA JÚNIOR, 2010).

Ademais, no que diz respeito às concepções, vivências e práticas acerca da diversidade sexual e na indagação sobre suas atitudes diante de situações de preconceitos e discriminações contra alunos/as não heterossexuais, sobressaíram no discurso de alguns/umas docentes visões estereotipadas e confusas acerca da homossexualidade. Isso evidencia a constituição de representações normativas e preconceitos manifestos acerca das identidades não heterossexuais e as representações negativas que colocam a diversidade sexual como algo de natureza biológica ou relacionada a desvios de condutas devido a influências sociais. O que pode ser vislumbrado nos seguintes discursos:

A diversidade eu acho que ela vem, é, é muito deturpada no sentido do contexto, né? Porque o que a gente observa é uma... mudança cultural por completo, né? Existem aqueles homossexuais que [...] levam pro lado da **libertinagem** mesmo. (Prof.<sup>a</sup> Roberta)

[...] Porque eu costumo dizer assim: a cada ação tem uma reação, se ação do **homossexualismo** ela ainda consiste em um tabu, então é uma consequência, né que ele... vai ter que assumir, ele tem que tá consciente disso, né? Porque a partir do momento que você toma uma posição que ainda não é dito, **não é normal para a sociedade**, vai ter que tolerar as consequências que, né estão por vir, então... mas, não discriminando, entendeu? (Prof.<sup>a</sup> Claudia)

[...] nós já vemos crianças que são ditas... e a gente observa que são realmente diferentes, a opção sexual... é crianças que não... por exemplo, um menino é... ele gosta de coisas femininas. Como também é, durante o tempo ... **desvio de postura**, ele muda a postura. Não sei se pode ser por orientação, influências. [...] eu penso que muitos nascem assim, mas também tem essa concepção e já vi situações que mudam [...] Durante é... a adolescência, é entre a pré-adolescência e a adolescência **mudam a postura**. O convívio vai mudando e penso que **vão se desviando**. [...] (Prof.<sup>a</sup> Camila)

Essa noção marcada pelo preconceito evidente representa a homofobia geral caracterizada pela manifestação do sexismo, ou seja, da discriminação de indivíduos em razão de seu sexo biológico e mais precisamente de seu gênero (feminino/masculino). Utilizada para denunciar os “desvios” do masculino em direção ao feminino ou vice-versa, é como se a todo instante fosse necessário lembrar aos indivíduos de seu “gênero certo”, pois qualquer suspeita de homossexualidade ou de outra orientação afetivo-sexual distinta da heteronormatividade

pode ser entendida como um afastamento das identidades sexuais e de gênero hegemônicas e, via de regra, são violentamente rechaçadas.

Quando indagados/as se um/a professor/a ou colega de turma homossexual pode influenciar a orientação dos/as discentes, ainda que a maioria tenha dito que não, notou-se uma preocupação dos/as participantes com os preconceitos advindos desse convívio. Ademais, houve relatos em que o preconceito foi mais evidente, sobretudo devido à ideia incoerente de que a homossexualidade é uma escolha e que pode se manifestar a partir da influência de outras pessoas. E foi encontrado ainda em um relato palavras que reforçam a representação da heterossexualidade como padrão e da homossexualidade como desvio, o que pode ser percebido pelo uso de termos como “desviar” e “perder postura”:

Não, pelo contrário, pode gerar **comentários maldosos**.  
(Prof. Lúcio)

De certa forma sim, visto que, nossos adolescentes ainda em formação gostam de **imitar** aqueles que eles consideram como “ídolos”. (Prof.<sup>a</sup> Roberta)

Acredito, já que para mim é uma opção/orientação sexual, o indivíduo pode ser **influenciado** por um professor ou colega, se for uma pessoa da qual ele gosta ou admira.  
(Prof. Samuel)

Não. Pois penso que cada um tem sua própria conduta e orientação, mesmo tentando **desviar**, não conseguirá **perder sua postura**. (Prof.<sup>a</sup> Camila)

Ressalta-se que não se deve encarar as diferenças (sexuais) como algo indesejável, um desvio da natureza, que mais cedo ou mais tarde retornará à normalidade, mas entendê-las como algo que o indivíduo constrói no decorrer de suas vivências por meio de um processo multifatorial e não determinado por influências de outros sujeitos. Dessa forma, devem ser propiciados aos/às educadores/as conhecimentos que os/as levem a desconstruir essas representações arbitrárias advindas de normas e estereótipos ancorados no sistema cognitivo e que dificultam o processo de transformação ou objetivação. A diversidade sexual não advém de escolhas ou influências sociais e embora destoe das normas sexuais e de gênero, não constitui um “desvio”, mas apenas novas possibilidades de vivenciar as sexualidades, tão legítimas quanto à heterossexualidade (CAVALEIRO, 2009; FIGUEIRÓ, 2007; FURLANI, 2009; LOURO, 1997; MOSCOVICI, 2010).

Com relação aos direitos humanos da população LGBT, alguns discursos evidenciaram discordâncias relativas à adoção e/ou união civil entre pessoas do mesmo sexo, justificadas pela influência de dogmas religiosos. Contudo, é perceptível que quando se trata do direito à união civil entre homossexuais, as influências religiosas são mais evidentes e levam à não aceitação. Certamente, o padrão heterossexual ainda norteia as representações de casamento e família.

Não, isso vai de encontro aos meus princípios religiosos.  
(Prof.<sup>a</sup> Roberta)

Não. Infelizmente ou felizmente ainda tenho esse único medo de receio, por ser católica e temer perante Deus. Conduta no mundo, conduta na fé. [...] Eu sou católica. Não posso dizer assim praticante, mas acho um pecado

eles casarem, entendeu? Mas já concordo em eles terem uma família, eles adotarem. Tanto para a parte deles como para a parte da criança, entendeu? Sendo que essa criança no futuro pode ter consequências, preconceitos. Ela tem que ser bem orientada, bem amada. Porque no futuro ela pode ter muitos problemas. (Prof.<sup>a</sup> Camila)

Nesse viés, é possível identificar a manifestação da homofobia cognitiva ou social, caracterizada pela defesa da manutenção da diferença de direitos humanos e sexuais imposta entre heterossexuais e homossexuais, impedindo que os direitos sejam igualitários embora em alguns casos até seja expressa a “tolerância” com relação a identidades sexuais que destoam do modelo heterossexual (BORRILLO, 2009; TOSSO, 2012). O discurso de tolerância/aceitação impede a real inclusão e o respeito à diversidade, pois quem tolera e aceita o faz sob a ótica heterossexual hegemônica (FURLANI, 2009). Vale ressaltar, que a ausência dessas temáticas na formação docente e a influência da religião contribuem de forma bastante significativa para essa concepção contrária à equidade de direitos entre todos os indivíduos, independentemente da identidade sexual.

Nesse sentido, no Congresso brasileiro as bancadas religiosas fazem forte oposição aos projetos que buscam resgatar os direitos básicos necessários ao exercício pleno da cidadania dos indivíduos LGBT tais como o casamento civil, a adoção de crianças e a proteção contra a violência física e verbal (através da criminalização da homofobia). Nas escolas brasileiras, apesar das públicas serem consideradas laicas como é o país, é comum o uso de preceitos religiosos para que educadores/as, alunos/as e outros membros da comunidade escolar expressem preconceitos e discriminações contra pessoas LGBT ou que destoam dos estereótipos de gênero hegemônicos (DINIS, 2012).

Contudo, acredita-se que a busca de conhecimentos acerca da diversidade sexual e medidas públicas efetivas possam transformar essa realidade e possibilitar que as pessoas, ressaltando-se os/as educadores/as, consigam separar seus preceitos religiosos e entender que a cidadania plena deve ser usufruída por todos/as com equidade. Sendo o Estado laico, a garantia dos direitos humanos deve ocorrer independente de orientação afetivo-sexual e outras diferenças não aceitas com base em dogmas religiosos. Em outras palavras, acredita-se que o conhecimento pode levar à concretização dos processos de ancoragem e objetivação das representações sociais, ou seja, as crenças pre-existentes podem ser reconstruídas em detrimento dos preconceitos e em favor da diversidade sexual.

Por todas as razões explicitadas, pode-se perceber que quando a diversidade sexual atinge a esfera pública os preconceitos são mais evidentes. Na questão que continha imagens gráficas de identidades sexuais e de gênero destoantes da heteronormatividade, respectivamente casal de gays, casal de lésbicas, travesti e transexual, pode-se apreender de modo mais incisivo, a partir das respostas dos/as docentes, a presença do preconceito manifesto.

Com relação às imagens do **casal de gays e de lésbicas**, as justificativas foram bastante semelhantes e destacam-se as seguintes respostas:

Não é natural. Essa cena vai de encontro a minha formação religiosa. (Prof.<sup>a</sup> Roberta)

É estranho. Não faz parte da nossa cultura, pois ainda é algo que não costumamos presenciar. (Prof.<sup>a</sup> Claudia)



Choca. É uma coisa diferente, com as quais não somos acostumados. É estranho. É uma coisa diferente, com as quais não estamos acostumados a presenciar. (Prof. Samuel)

As representações acerca da imagem de uma **travesti** evidenciam um grande estranhamento ocasionado, sobretudo por ser essa uma identidade de gênero totalmente destoante do padrão heteronormativo. Entretanto, é perceptível que tais representações negativas são influenciadas pelos dogmas religiosos e pelo desconhecimento acerca de travestis e de outras identidades não heteronormativas.

É estranho. Porque a nossa sociedade ainda não está preparada para aceitar, e também o travesti normalmente está nas esquinas das ruas, com roupas vulgares sendo garotos de programa e isso acaba se tornando um choque. (Prof.<sup>a</sup> Talita)

Choca. Infelizmente a maioria não respeita a si próprio, não tenho preconceito, não julgo, mas tem que haver sabedoria e postura. (Prof.<sup>a</sup> Camila)

Não é natural. Vai de encontro a minha formação religiosa. (Prof.<sup>a</sup> Roberta)

Não é natural. Torna a pessoa mais exposta do que o natural. (Prof.<sup>a</sup> Claudia)

Não é natural. É uma coisa diferente, com as quais não estamos acostumados a presenciar. (Prof. Samuel)

As impressões acerca da imagem de uma **transexual** também evidenciaram um preconceito manifesto aliado ao desconhecimento e, conseqüentemente, estranhamento do “não familiar”.

É estranho. Pelo fato de não termos sido educados para encararmos as diferenças sexuais. (Prof.<sup>a</sup> Claudia)

É estranho. É uma coisa diferente, com as quais não estamos acostumados a presenciar. (Prof. Samuel)

É estranho; Choca. Porque não estamos preparados para lidar de forma natural. (Prof.<sup>a</sup> Talita)

Choca. Não concordo com a mudança de sexo. (Prof.<sup>a</sup> Camila)

Não é natural. Vai de encontro a minha formação religiosa. (Prof.<sup>a</sup> Roberta)

Todos esses discursos remetem à importância do dinamismo e versatilidade das representações sociais, que podem tanto “estranhar o diferente” quanto “torná-lo familiar”. Nesse sentido, ressalta-se que:

[...] a representação sempre se constrói sobre um “já pensado”, manifesto ou latente. A “familiarização com o estranho” pode, com a ancoragem, fazer prevalecer quadros de pensamento antigos, posições preestabelecidas, utilizando mecanismos como a classificação, a categorização e a rotulação. E classificar, comparar, rotular supõe sempre um

juízo que revela algo da teoria que temos sobre o objeto classificado (ALVES-MAZZOTTI, 2008, p.30).

Urge, pois, que a diversidade sexual seja colocada no curriculum dos cursos de licenciaturas em todas as áreas humanas, sociais etc., de modo constante e democrático, com base nos direitos humanos e constitucionais, para que os/as educadores/as possam se familiarizar com a pluralidade de vivências e expressões da sexualidade. E, assim, tenham a oportunidade de refletir acerca dessa temática e compreender que as identidades sexuais e de gênero são fluidas e dinâmicas e não dicotômicas e estáticas como preconiza o modelo heteronormativo imposto socioculturalmente no decorrer do tempo.

Além do preconceito manifesto, o uso de imagens gráficas no questionário desvelou o preconceito sutil acerca da diversidade sexual. Logo, para as imagens do casal de gays e de lésbicas foram novamente assinaladas as mesmas alternativas e as justificativas foram praticamente iguais, demonstrando a presença de receios quanto à exposição pública de gestos afetivos entre indivíduos do mesmo sexo, o que deixa transparecer a presença latente da homofobia liberal nos discursos:

Até aceito, mas depende do lugar. Devido às atitudes preconceituosas de muitos na sociedade está vivenciando pode ser motivo para ridicularizar. (Prof. Antônio)

Até aceito, mas depende do lugar. Certo é “normal”, porém devemos nos comportar, em relação a lugares e pessoas presentes, postura sempre. (Prof.<sup>a</sup> Camila)

Até aceito, mas depende do lugar. É aceitável como qualquer casal, só que depende da forma como é demonstrada a sociedade. (Prof.<sup>a</sup> Talita)

Sobre as imagens ilustrativas dos transgêneros, somente em um discurso não foi manifestado claramente o preconceito diante da imagem de um travesti e de um transexual. Em contrapartida, a “norma” e o desconhecimento ficaram latentes no discurso abaixo:

Até aceito, mas depende do lugar. Devido os costumes tradicionais da sociedade, porém vejo que muitos extrapolam em suas atitudes. [...] A opção e a vida particular não devem interferir, pois tem liberdade de expressão. (Prof. Antônio)

A partir das representações sociais dos/as participantes, ainda de forma bastante sutil, pode-se perceber traços da homofobia liberal. Esta é caracterizada pela aparente aceitação de pessoas homossexuais, pois “permite-se” sua existência desde que estas só manifestem sua afetividade no espaço privado. Assim, embora o discurso apregoe a aceitação da diversidade sexual, isso é feito com ressalvas que asseguram a manutenção da norma heteronormativa, pelo menos em público (BORRILO, 2009; TOSSO, 2012).

Essas representações indicam claramente não apenas o desconhecimento acerca da homossexualidade e das outras identidades sexuais e de gênero, mas também a existência de uma forma de homofobia camuflada, que pode ser denominada homofobia liberal (BORRILO, 2009; TOSSO, 2012). Apesar de apresentarem o discurso de respeito e a aceitação, deixam transparecer concepções e crenças que adentram o caráter convencional e prescritivo das representações à medida que

são fundamentadas em classificações e descrições que circulam dentro de uma sociedade e acabam sendo aceitas e integradas à maneira de pensar, de agir e às relações interpessoais (MOSCOVICI, 2010). Essas representações impostas histórica e socioculturalmente formam um sistema de “teorias espontâneas”, pois de tanto serem expressas e justificadas acabam tornando-se concepções naturais, parte do pensamento social (JODELET, 1993). Assim, nota-se que determinada representação acerca de uma temática e/ou grupo social, como a diversidade sexual, vai sendo construída a partir de comunicações e ações que foram sendo produzidas ao longo do tempo e da cultura por diversos grupos ou instâncias sociais (como a Escola, Igreja, entre outras).

Diante desse cenário, ressalta-se que é premente conhecer as representações dos/as educadores/as acerca da diversidade sexual e promover a discussão dessa temática no âmbito escolar, visto que este constitui um caminho promissor para desestabilizar convenções sociais que nutrem preconceitos sutis ou manifestos e reforçam as práticas homofóbicas contra sujeitos por diferirem do padrão heteronormativo imposto socialmente.

## 5. Considerações finais

As múltiplas expressões da sexualidade, as interações entre os indivíduos (educadores/as e discentes, por exemplo) frequentemente permeadas por preconceitos e exclusões urge pela resignificação dessas relações de poder, pela desconstrução da visão binária e dos estereótipos de gênero e pelo reconhecimento da diversidade sexual. Um caminho promissor consiste numa abordagem ampla e aprofundada acerca da sexualidade e gênero, visando à desestabilização da

heteronormatividade e, em consequência, contribuindo para o enfrentamento da homofobia.

Nessa perspectiva, salienta-se a relevância da abordagem das temáticas relativas à diversidade sexual, sexualidade e gênero na escola, de modo que os/as educadores/as possam se sentir instigados/as a buscar conhecimentos de forma crítica visando rever suas representações, frequentemente compostas por preconceitos e estereótipos. Além disso, podem adotar modalidades didáticas que permitam acolher a pluralidade de indivíduos no âmbito escolar, sobretudo do ponto de vista dos direitos humanos, pautando-se na equidade, no reconhecimento e na desconstrução de todas as formas “sutis” ou evidentes de preconceitos e discriminações.

Ademais, esse estudo aponta a necessidade de mais pesquisas nesse campo e, que mais graduandos/as, pós-graduandos/as, educadores/as e outras áreas se interessem pelo assunto, possibilitando conhecimentos inter e multidisciplinares, debates e ações que garantam a expressão da diversidade sexual nos espaços públicos e privados e promovam a cidadania.

Salienta-se a necessidade imediata de uma avaliação da formação docente inicial (e continuada) com relação às temáticas sexuais e de gênero, a exemplo do que já ocorre na Universidade Federal de Sergipe, no curso de licenciatura em Ciências Biológicas<sup>4</sup>, bem como intervenções nas escolas com a inserção dessas temáticas e a desconstrução das práticas homofóbicas de modo contínuo e sistematizado.

## 6. Referências

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. **Representações Sociais**: aspectos teóricos e aplicações à Educação. Revista Múltiplas Leituras, v. 1, n.1, p.18-43, jan. / jun. 2008.
- ARRUDA, A. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro. In: Arruda, A. (Org.), **Representando a alteridade**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p.17-46.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BORRILLO, D. A homofobia. In: LIONÇO; DINIZ, D. (Org.). **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009, p.15-46.
- CAVALEIRO, C. M. Escola e Sexualidades: alguns apontamentos para reflexões. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação Sexual**: em busca de mudanças. Londrina: UEL, 2009. p. 153-169.
- CHOCHIK, J. L. **Preconceito, indivíduo e cultura**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- DINIS, F. N. **Educação e diversidade sexual**: interfaces Brasil/Canadá. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 9, n.18, p.75-96, 2012.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. Diversidade sexual: subsídios para a compreensão e mudança de atitude. In:\_\_\_\_\_. (Org.) **Homossexualidade e educação sexual**: construindo o respeito à diversidade. Londrina: UEL, 2007. p. 15-67.
- FLEURY, A. R. D.; TORRES, A. R. R. **Homossexualidade e Preconceito**: o que pensam os futuros gestores de pessoas. Curitiba: Juruá, 2010.
- FURLANI, J. Direitos Humanos, Direitos Sexuais e Pedagogia Queer: o que essas abordagens têm a dizer à Educação Sexual? In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 293-324.
- HENRIQUES, R. et al. (Org.). **Gênero e Diversidade Sexual na Escola**: reconhecer

diferenças e superar preconceitos. Brasília-DF: CADERNOS SEGAD, 2007.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: \_\_\_\_\_. (Ed.) **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves- Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, 1993, p.31-61.

JOVCHELOVITCH, S. (2008). Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em Representações Sociais**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.63-85.

JUNQUEIRA, R. D. Políticas de educação para a diversidade sexual: escola como lugar de direitos. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Org.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009, p.161-193.

KAMEL, L.; PIMENTA, C. **Diversidade sexual nas escolas: o que os profissionais de educação precisam saber**. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.

LIMA, M. E. O. Preconceito. In: TORRES, A. R. R. et al. (Org.). **Psicologia Social: temas e teorias**. Brasília: Technopolitik, 2011, p.451-500.

LIMA, M. E. O.; VALA, J. **As novas formas de expressão do preconceito e do racismo**. Estudos de Psicologia, Natal, v. 9, n. 3, p. 401-411, 2004.

LIONÇO, T; DINIZ, D. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009, p.47-72.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179 p.

MADUREIRA, A. F. **Gênero, Sexualidade e Diversidade Sexual na Escola: a construção de uma cultura democrática** (Tese de doutorado). Brasília: UnB, 2007.

MINAYO, M. C. S. O Conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.).



**Textos em Representações Sociais.** 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.89-111.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais:** investigações em psicologia social. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

RIOS, R. R. Homofobia na Perspectiva dos Direitos Humanos e no Contexto dos Estudos sobre Preconceito e Discriminação In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p.53-84.

SEFFNER, F. Equívocos e Armadilhas na Articulação entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p.125-140.

SILVA JÚNIOR, J. A. **Rompendo a mordaca:** Representações Sociais de Professores e Professoras do Ensino Médio sobre homossexualidade (Tese de doutorado). São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2010.

SPINK, M. J. P. **O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial.** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, v.9, n. 3, p.300-308, jul./set. 1993.

TOSSO, M. P. **Formación del Profesorado en la Atención a La Diversidad Afectivo-Sexual (Tesis doctoral).** Madrid: Facultad de Educación da Universidad Complutense de Madrid, 2012.

## 7. Notas

<sup>1</sup> Convém esclarecer que neste artigo adota-se um modo feminista de escrever, explicitando o masculino e o feminino em oposição a qualquer linguagem que remeta ao sexismo por empregar a forma masculina como regra geral (FURLANI, 2009).

<sup>2</sup> Nesse estudo adota-se a Teoria das Representações Sociais na perspectiva formulada por Moscovici como aporte fundamental para a compreensão das concepções e práticas dos/as educadores/as acerca da diversidade sexual. Segundo Moscovici (2010), as representações sociais constituem um sistema de valores, ideias, concepções e práticas que permitem a comunicação e orientam os indivíduos em seu mundo social possibilitando, assim, a atribuição de significados, a interpretação de determinado objeto ou assunto relacionado com as realidades sociais e a compreensão de aspectos sociais, históricos, culturais, políticos, entre outros.

<sup>3</sup> Emprega-se o termo “ancoram” no sentido de que através do processo de ancoragem as representações sociais permitem relacionar conhecimentos “novos” a concepções e crenças preestabelecidas e, desse modo, podem ser usadas para reforçar ou desestabilizar preconceitos (MOSCOVICI, 2010).

<sup>4</sup> No curso de licenciatura em Ciências Biológicas da UFS foi implantada a disciplina obrigatória “Corpo, Gênero e Sexualidade” que aborda essas temáticas na perspectiva dos Estudos Culturais.